

O Jornal das Senhoras - Tomo II - 19 de setembro de 1852 - Edição 38

Link: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096_1852_00038.pdf

TOMO II. – DOMINGO, 19 DE SETEMBRO DE 1852.

O JORNAL DAS SENHORAS

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programa e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.

A MULHER PERANTE DEUS E O MUNDO. (CONTINUAÇÃO.) V.

Deus na criação da mulher, provou a mais admiravel sabedoria do formosismo composto do coração e da alma.

O estremecimento, o gozo inexplicavel e particular, que se experimenta na presença de uma mulher não vulgar, assaz o comprovão.

Tudo quanto a rethorica póde dizer de magnifico e elegante, nella se acha reunido, mas não com o constrangimento do estudo, não com a affectação que prova a sabença, mas com aquella sincera e simples expressão da beleza natural.

Conversa ella: - cabe-lhe no coração toda a illustração da intelligencia. Olha: exprime nos olhos o bem acabado thema dos movimentos da alma. – Gesticula: são suas posições proprias a seduzir toda a attenção e amor.

Por isso parece, que toda a doçura e vivacidade do espirito do homem, participa mais da mulher do que do mesmo homem.

Nem duvidamos proval-o.

Os annos que decorrem, a experiencia que educa, o raciocinio frio que fórma o homem da idade adiantada, roubão-lhe essa frescura na enunciação, tão capaz de chamar a si a

atenção; mas a mulher, o coração da mulher, parece jámais sujeitar-se ao cadinho dos annos, da experiencia e do raciocinio frio; —conserva ainda o coração da juventude, aquelle que sentira as primeiras impressões.

E como poderia a mulher deixar de ser joven?

Não tem ella o filho que lhe alimenta essa vida intima? Não tem ella a filha, que no desabrochar de suas graças, vai ercordar-lhe, nessa herança, aquellas que julga pesadas?

– 90 –

Quando é velha uma mulher?

Jámais. Porque jámais ella deixa de ser mãe e de ter um espirito de mulher.

A misanthropia, que é partilha tão conhecida dos homens velhos, não é ella muitas vezes dissipada pelos carinhos de uma esposa, que sabe fazer brilhar, atravez das rugas e dos cabellos brancos, conhecidos traços da antiga formosura.

Quaes são os exemplos, que se nos apresentam numerosos, da misanthropia na mulher?

Onde está a crhonica, que a apresenta como regra geral?

Se o que avançamos não nos for crido, ainda assim não desistimos da declaração da verdade.

Filho, quando deixaste de achar tua mãe amorosa? Em que circumstancia deixou ella de sorrir-se, com um sorriso que só a amante a iguala!

Ora, a verdade é pura e destaca-se sempre do fundo das asserções, como um vapor branco de fundo azul. Qual é o homem pois, que não seja filho?—qual é então a aquelle que não sentiu ser sua mãe uma bella mulher?

O coração, quando falta o amor filial, jámais mente.

Tem-se querido asseverar, que o amor filiar é *nascido de um sentimento de gratidão*.

São explicações, que muitos homens pretendem dar, para desculpar muitas vezes a sua falta de sensibilidade—ou antes, explicações de enjeitado, invejoso do amor que vem dos filhos ás mãis.

Aqui pois, não nos demoraremos, porque ha pensamentos, cuja decifração deve pertencer mais ao sentimento de cada um, do que ao raciocinio que se lhe apresenta por escripto. Marchemos nesse caminho florido, sem fadiga, e com bem fundada esperanza de alcançarmos o fim. Quando nos distrahimos, é muito natural, porque nos passeios nem sempre vemos flores, alguns espinhos ha que se devem evitar para não moletarem,

Dizia Pope: *a mulher é um «Softer man» isto é, um homem mais brando.*

Ora a brandura é filha de um delicado sentir: o delicado sentir só pode conduzir a esse espirito florido; esse espirito não morre, não, os annos o pulem e o aperfeiçoão; logo, a mulher que é dotada essencialmente d'essa preciosidade, não póde jamais ser *velha*, na accepção que por ahi se dá.

Paga-se este tributo á mulher, se o recusar, se suas faces se colorirem na sua presença, dediquemos-lhe, ainda que seja só por gratidão, a veneração á sua vida imperecível.

Oh! a veneração deve ser eterna; e aquelle que póde ser venerado, com muito justa razão póde ser LIVRE; levantemos pois o braço, para que a nova geração nos ouça—ella que por natureza é destinada ao PROGRESSO, e á ILLUSTRAÇÃO.

VII.

Desça-se o panno a esses actos já representados, onde as personagens já devem quasi ficar esquecidas, e assistamos, levados pelo impulso da curiosidade, aos outros que serão talvez mais artisticamente executados.

Ora bem.

Vimos no panno do fundo a terra depois do cataclysm—espessas florestas—montes uncultos—homens errantes—crenças em principio—o semblante carregado do homem—a mulher mostrando-se atravez da sua roupagem de escrava, um rosto de expressão resignada pelo soffrer—e tambem homens dando confusamente á mulher adoração e opressão.

Já vimos, que tinham quasi, por assim dizer, desaparecido as saudalias e calçavão-se os borzeguins.

Differentes grupos se levantavão: a Grecia, Roma, Germania, as florestas dos Hunos e as vastas regiões, que por occultas em espessas nuvens, se não distinguão.

Fôra tão mystico e incerto o jogo de scena, que não contentou os espectadores, homens do seculo novo, acostumados á decomposição clara e precisa das idéas.

Vamos a outras personagens que fallem uma lingua pura e precisa.

A linguagem é a roupa com que se veste o pensamento, mas a imaginação quer côres variadas e mimosas, quer que tambem participem os sentidos dos gozos d'alma, por isso quando esse vestuario é de um gosto que passou, não dá elegancia ás formas, rejeitamol-a e compomos uma melhor.

Releve-se-nos o dito.

Vejamos, que immensa revolução se opera atraz do panno—tudo é rumor—tudo são lamentações—inveja—ódio. Preparemos de antemão o espirito, para admirarmos e contemplarmos minuciosamente as scenas que se desfecharem.

– 91 –

E' como uma parada subita na humanidade, onde cada um se prepara, onde cada um irresoluto pede á sua razão o jogo que tem de fazer por segurança propria.

Crenças arreigadas por longas e entrelaçadas raizes vão ser talvez destruidas.

E com ellas, apparecerá a mulher!

VIII.

Recapitulemos.

Tanto havemos dito sobre a mulher, só sobre a mulher, e chamamos a attenção sobre o homem que caminhava egoista, sem attender aos gritos da sua intelligencia, que talvez sejamos tidos na conta de parciaes.

Alguns visos de respeito domos descobrir, em povos que adoravão a mulher. Mas seria ella completamente livre, entregue á divina missão?

Dava-se-lhe aquella liberdade elevada do pensamento?

Uma veneração cega e sem limites, ou uma veneração parcial, devem igualmente ser rejeitadas.

Toda a veneração que não é presidida por um pensamento solido e sublime—espiritual, puramente espiritual, é uma devoção reprovavel.

Costumamos muitas vezes a embellezar um desejo que em nós descobrimos e veneramos; mas não o communicamos porque é reprehensivel.

Bem póde ser que os povos, que assignalavão á mulher um altar incensado, fossem a isso levados por superstição ou por censualidade.

E o livro que nos conta essas belezas, conta-nos também o resto dos costumes que talvez reprovassemos?

Ao menos é incerto.

Porque parece um absurdo ligarmos-lhe completa confiança, quando o espirito d'esses seculos quasi pela maior parte o não confirma.

O que é verdade porê, é que para a *mulher* se não havia marcado ainda o logar da sua superioridade.

A intelligencia humana, que no meio das guerras da antiguidade tinha dado á mulher armas e acções homericas, deveria no tirocinio da sua educação dar-lhe a brandura, a mais invencivel da armas manejadas por uma mulher. Não a brandura filha da servidão, mas a brandura natural de sua alma docil.

A mulher, que devia segundo as intenções do Criador, perfazer o homem, era ao contrario constituida por elle.

O que é contrario á vontade de Deus, deve um dia cahir, e então apparecerem as suas puras intenções.

Porque a natureza não soffre contrariedades.

Mas... diante de nossos olhos se desenrola um novo periodo. Que temos primeiro de ver?... Será a *mulher*?

(*Continua.*)

ORIGENS DAS CARRUAGENS.

Vou dar-vos uma noticia curiosa. A origem das carruagens não passa do reinado de Carlos VII, rei de França. Em 1461 não erão communs, visto que o primeiro presidente do parlamento ia cavalgando n'uma mula para a sua quinta; e na vespóra dos quatro principaes dias festivos do anno vião com o maior prazer sua mulher e sua filha chegar o seu caseiro conduzindo um carro guarnecido de feno, para as levar em triumpho á sua fazenda.

A primeira carruagem que se viu em Paris foi o carro suspenso que Ladisláo, rei da Hungria e da Bohemia, mando á rainha. No dia 6 de Abril de 1550, Diana, duqueza d'Angoulême, filha natural de Henrique II, fez uso da segunda carruagem que appareceu em França. João de Laval, de Bois-Daupjin, não podendo segurar-se a cavallo, por causa da sua excessiva gordura, foi obrigado a servir-se de uma carruagem. Em 1644, teve o principe de Condé uma com portinholas de vidro; usando até então, em logar destes, de cortinas de couro.

Foi pouco mais ou menos nessa época que se viu a primeira carruagem de molas, e não existem outros documentos a tal respeito, a não ser o desenho que se vê na bibliotheca real, e que representa a entrada de Luiz XVI em Paris pelo anno de 1650; sendo bem evidente que a carruagem é suspensa ou de molas.

Antes da invenção das carruagens não se dava em Paris senão a pé ou a cavallo. As princezas tinham liteiras e as senhoras iam de ancas atrás dos seus escudeiros; por isso, quando o primeiro presidente, de Thou mandou fazer uma

— 92 —

carruagem porque padecia de gota, recusou sua mulher servir-se della, e continuou a ir de ancas atrás de um criado.

Os conselheiros d'Estado servião-se de mulas; os reis não viajavão senão a cavallo. Em quasi todas as portas das casas havião naquella época uns poiaes para ajudar a montar a cavallo, muitos dos quaes ainda hoje se vêem nas antigas cidades de França. A exemplo destes poiaes as vindouras gerações formularão o que hoje chamão-se—*frades de pedra*.

O DIA 7 DE SETEMBRO E A SOCIEDADE HARMONIA NITHEROYENSE.

Estivemos presente ao baile que esta sociedade deu em solenidade ao grande dia nacional. Descrever um baile é sempre tarefa difficil, e muito mais quando é um baile do genero daquelle que desejamos esboçar.

O magnifico salão, já tão conhecido, achava-se elegantemente decorado. Lindas grinaldas de flores pendião do tecto formando deliciosas vistas, e guarnecendo as columnas em espiral. Tropheos formados de bandeiras nacionaes, tendo no centro o escudo das armas do imperio, ornão a sumalha. No fundo da sala via-se um bello retrato de S. M. Imperial em tamanho natural; e diante deste, sobre os tres degrãos tapetados, erguia-se uma columna de marmore. sustentando o busto do fundador do imperio; junto a esta columna achava-se um rico vaso de prata donde brotava uma copada arvore da independencia. O effeito que produzia a immensa luz, despedida de mil bugias, sobre todos estes objectos, era magnifico!

Desde as 8 horas que a excellente banda de musica de fragata *Constituição*, collocada na sala á esquerda do vestibulo, annunciava a entrada das senhoras com lindas e variadas peças.

A's 9 horas, rompeu a orchestra uma brilhante ouvertura, e em seguida o hymno nacional, cantando cinco senhoras as quadras que se seguem, sendo secundadas por um côro

de 50 vozes de ambos os sexos, e dirigido pelos Srs. Massiote e Muniz, o primeiro director, e o segundo vice-director da parte harmonica da sociedade.

CORO.

Nytherohyense

Doce Harmonia

Célebre a gloria

Do patrio dia.

De novo rompendo as sombras

Resurge o dia gentil;

Salve, ó dia magestoso,

Salve, ó gloria do Brasil!

Nos ares se ostenta ovante

Auri verde pavilhão;

Em signal festivo echôa

O ribombo do canhão.

Desde o Sul até o Norte,

Desde os Andes té o mar,

Livre ergueu-se todo um povo,

Todo um povo a um só bradar.

Foi de Pedro o brado ingente,

Que soou na immensidade,

Que tal dita deu á patria,

Dando á patria liberdade.

E o gigante americano

Vai dar leis ao orbe inteiro !

Não temais a guerra, ó povos!

Reina o povo brasileiro!...

Não vedes? Já radiante
Brilha a patria heroicidade;
Não vence nações vizinhas.
Dá-lhes antes liberdade!

Terminado o hymno, levantou o presidente da sociedade os seguintes vivos: á independencia do Brasil, á SS. MM. II, á constituição, e á memoria do fundador do imperio, os quaes forão enthusiasicamente correspondidos.

O baile durou até ás 4 horas da manhã, sempre com bastante animação, sendo os intervallos das contradanças preenchidos com variadas peças tocadas pela banda da fragata *Constituição*. O serviço foi magnifico e abundante.

A mais escolhida sociedade agitava-se nesse magnifico salão, ostentando as senhoras a louçania de seus ricos e elegantes *toilettes*, parecendo querer rivalisar-se a variedade dos differentes uniformes trajados por muitos dos cavalheiros.

A noite de 7 de setembro ficará sem duvida gravada na memoria de todos aquelles que tiveram a ventura de assistir a uma tão brilhante e completa função.

Foi-nos pedido que transcrevessemos este artigo do DIARIO DO RIO e com muito gosto o fi-



zemos; sentimos porém não podermos sempre transcrever seus hellos e importantes artigos por nos faltar espaço para elles.

Da redacção.

BELLAS ARTES.

Ha muito ambicionavamos nós o dia em que o Sr. Stokmeyer Junior pudesse desenvolver toda a sua habilidade e genio musical perante o publico do seu paiz que o desejava julgar. A noite de 7 de setembro nos veio saciar essa ambição, nós tivemos o prazer de ouvir e apreciar a magnifica ouvertura por elle composta, e ainda mais, nós testemunhamos as demonstrações todas de completa approvação que merecêrão as bellas inspirações do artista entre o povo amador e o povo profissional. Os applaudos coroárão a composição e cobrirão o compositor de honra e gloria.

Elle, o filho de um opulento capitalista, educado na posição que occupa sua distincta familia, não duvidou um instante sentar-se junto de seus companheiros d'arte, executar com elles, e dentre elles erguer-se ufano, embriagado em prazer, satisfeito o genio e satisfeito o homem!

Se os NOSSOS TALENTOS se apresentassem, como fez o Sr. Stokmeyer Junior, e não vacilassem entre principios de velha e rançosa educação, estamos certas que os pais, em vez de corar, se ennobrecerão, como aconteceu ao Sr. Stokmeyer ao ver na orchestra seu filho fazendo vobrar immensos instrumentos em doces e arrebatadoras harmonias, só pelo poder de seu talento.

Oxalá que o brioso exemplo do Sr. Stokmeyer Junior aos nossos jovens patricios não seja indifferente. —O filho nobre e abastado é justamente aquelle que perante a sociedade deve mostrar melhores habilitações de seu talento, sem apadrinhar-se unicamente com os *milhões* de seus antepassados que só lhes offerecem—ouro e miseria.

Não podemos acabar este artigo sem tambem nos lembrarmos da ouvertura executada no theatro de S. Pedro, intitulada—REGENERAÇÃO—composta pelo insigne artista o Sr. Noronha. O que diremos nós sobre a sua composição tão bella, tão vivaz, e que nos arrebatou durante o tempo de sua perfeita execução ?

A reputação do Sr. Noronha e já tão conhecida, tão justamente firmada em seu repertorio de bellas composições, que sómente o nome do artista dá por si as melhores garantias do compositor.

O SORRISO.

No album da Exma. Sra.....

Sorraste-me, donzella, o teu sorriso
Vale tudo o que a terra me tem de bello,
Té as estrellas do Céu.
Vence a per'la do mar polida e linda,
Vence o tino coral, vence o brilhante
Occulto em fino véo.

Sorraste-me, donzella, o teu sorriso
E' a pagina inda em branco do teu livro,
Do livro do viver.
E' a nuvem doirada que te pousa
Sobre os olhos gentis, cobrindo a pressa
Futuro padecer.

Sorraste-me, donzella, o teu sorriso
Espelho é tua alma bella e pura
De magico clarão.
Como é doce e gentil assim tão meigo
Nas faces a brilhar como arrancado
Do fundo do coração!?

Sorri, oh! Sempre assim, nem possa o tempo
Dos labios t'o roubar, do pensamento
Teu Eden paraíso.
Que eu folgo de te ver nos rubros labios
Pairado sobre as azas da innocencia

Um magico sorriso!...

Salomon.

A EMILIA.

Porque, donzella, de avistar-te fujo,
Ao passo que em ti meu pensamento
Se alimenta, se nutre em tua imagem,
Não se esquece de ti um só momento?

Se te amo muito, não sei eu, ó virgem.
E quanto mais te evito, mais te vejo;
E quando não te avisto, ó virgem, pura.
Suppre-me a fantasia o meu desejo.

— 94 —

Quando estou junto a ti não sou o mesmo,
Foge-me a vida, o corpo não respira;
Não sei que força acculta a ti me arrasta,
A' luz dos olhos teus minha alma expira!

Este fogo que tenho aqui na fronte
Só na tua presença é que se acalma;
Se minha alma é a vida do meu corpo,
Tu, donzella, és a vinda da minha alma!

Se outro, que não eu, teus olhos busca,
Te dirige um olhar forte, expressivo,
Sinto n'alma, donzella, uma dôr funda,
E á força de soffrer só sei que vivo!...

Se alegre me sorris, ó virgem pura,
Eu sinto o coração nadar-me em riso;
O som da tua voz quando me fallas,
Me leva cá da terra ao Paraíso!

Se estou longe de ti, por ti suspiro,
Oprime o peito meu a anciedade;
E no rapido pulsar que dentro sinto,
Desconfio, donzella, ser—saudade....

Se penso no morrer.... oh! não te digo
Idéas que na mente se me espargem;
Se penso, durmo ou sonho, é só contigo,
E só vivo abraçado á tua imagem!...

Salomon.

A AMISADE INUTIL!

O amigo inutil é o mesmo que uma casa de campo, da qual não se tira redditô algum; mas que vale muito para entretenimento.

Nunca estimei os meus amigos por interesse, mas o tempo me tem mostrado que estimar as pessoas sem algum fim é uma especie de prodigalidade do coração, e que ligar-se por amizade indistinctamente com todo o mundo é uma leviandade, da qual não deixaremos de arrepender-nos para o futuro.

De todas as mascaras de que o homem se serve para chegar surda e seguramente aos seus fins, nenhuma ha que melhor disfarce um máo coração, como a de uma falça amizade, contra a qual o melhor garente é a desconfiança. Para fallar a verdade, não se pode contar com uma amizade que pouco custa a adquirir, porque tenho observado que a benevolencia que nos vem inopinadamente, de ordinario desaparecce tão rapidamento como o raio.

(Tradução.)

CHRONICA DA QUINZENA.

A chronica desta quinzena, para os que não tiverem papas na lingua, dá muito de si.... materia vastissima em todos os generos, numeros e casos não tem faltado! Assim Deus ajude aos bons e toque o coração dos máos.

Felizmente em muitissimas cousas não se deve entrometter esta chronica, para não ter de *recuar tristemente*. A mulher não se contradiz quando tem consciencia de si. Por isso escapa estou de responder ás mil perguntas e censuras que por ahi hoje se fazem, com razão e sem ella algumas vezes, a todos quantos derão o *lamiré* da simphonia burlesca, cujo zambumba tao mal marcou o compasso...

Adelante, senhora Bellona.

Sempre hade metter-se o gato preto no meio das nossas melhores venturas! Está fechado o theatro lyrico, e as *gargantas e pernas* estão de suéto: veremos a sabatina que tal será, se Deus não mandar o contrario.

Os *pecurruchos*_pularão de contentes com a extinção do Conservatorio de musica e dança; mas outro tanto não aconteceu ao meu *Santos*: está furioso! outras vezes abatido e fallando só comsigo. Não sei se desta vez resistirá ao profundo choque que soffreu com a tal extinção, a que elle chama injuria – e revoltante offensa á *mocidade brasileira*, e das *ilhas*, em cujo numero pretendia entrar brevemente, pois guardava as melhores intenções de ser um bom contra-baixo. Bem dizião as comadres e visinhas do tempo antigo—*os trabalhos e os desgostos com as nossas mãos os procuramos*. O *Santos* foi uma destas victimas destinadas a pagar com o coração no fim da vida o bom tempo tranquillo e quedo de guarda-portão da nossa casa. Apesar de velho ainda não sabia que quem brinca com fogo fica queimado.

Deixemos porêem o *Santos* triste e amarrotado, com a sua mania de theatros, intrigas de bastidores, que já fazem enjão revoltante.

O nosso mundo elegante ainda não desamparou os salões; roda em movimento constante de um para outro baile, de uma para outra *soirée* desferindo o brilhante luzir de seus adornos e o magico talisman dos seus encantos. No Cassino, na Sylphide, Campestre, e na Harmonia Nitherohyense, onde foi festejado pomposamente o dia 7 de setembro, vimol-o alegre e radiante animando os espaçosos salões, verdadeiro tem-

Vou transcrever a proposito a cartinha que uma das minhas amigas do peito mandou-me hoje de manhã pedindo-me que dêsse publicidade nesta chronica. Ella ahi vai tal qual:

«Bellona, domingo passado estive no campo; passei o dia no Cajú, na aprazivel characa do Sr. José Maria Gomes, que reunido aos Srs. Guerra, Barroso e Lallemant, festejavão o abastecimento da agua encanada que ocorreu em todos os pontos desse lindo torrão dos nossos suburbios, dia 7 de setembro. A bizzarria e cavalheirismo do Sr. Gomes é proverbial, muito mais se desenvolveu a par dos bons desejos destes tres cavalheiros; tivemos portanto um dia cheio de constantes e successivos entretenimentos, de deliciosa alegria, desde as onze horas da manhã até ás doze da noite, que vem saudosa de lá me retirei.

«A divertida pescaria, feita pelas senhoras no grande lago do magnifico jardim que está em frente da chacara, deu começo á função. Era o quadro mais encantador que se podia imaginar, ver esse lago, disposto em meio do florido jardim, por entre frondosas rodeiras, magnolias e resedás, guarnecido em todos os quatro lados da sua borda por uma fila de quarenta risongas e jovias senhoras, ou antes, por uma grinalda de flores ainda mais formosas, virentes e perfumadas, debruçando-se enamoradas sobre o leito do lago! E os badegues e as garoupetas ali vinhão beijar a folhazinha cheirosa que de cima cahia.... Era encantador este quadro!

«Depois passeámos os quatro differentes jardins de toda a chacara; colhemos lindissimas flores, em cujo cultivo capricha o Sr. Gomes com esmero; saracoteámos tudo, e quando puzemos pé em casa já ahi nos esperava uma profusa refeição, que nos deixou reanimadas para bem resistir até ás cinco horas da tarde, que foi quando nos convidarão ao lauto jantar.

«A mesa era de setenta talheres, enós já eramos nessa occasião sessenta e duas senhoras, todas pela maior parte conhecidas e bellas – relevai-me esta declaração. Que de prazer, que de risadas não se cruzavão então! que movimento gracioso, que grupos ondulantes por aqui e por ali aproximando-se ao toque de reunir!... Não se pode descrever.

«Para cumulo de tudo o que póde excitar o appetite, embriagar os sentidos e as sensações dulcificar, estava a mesa collocada em baixo de um espaçoso camarachão, entrelaçado de latadas de maracujás e jasmins, ao fundo do jardim de craveiros e ao dado de symetricos canteiros de maçanilha, cujo odor suave e ambiente embalçavamão-nos docemente. Em frente e pouco distante dos topos da mesa, dois repuxos desprendião em lindas disposições cristalinos flocos *da agua nova*, primordial objecto de toda esta função. Era um verdadeiro paraíso da terra.

«Retiramo-nos ás cinco horas e meia para colhermos cravos e formarmos os nossos ramos para o baile, e enquanto mesmo no jardim tomavamos os gelados, o grosso do exercito, com a valentia e denodo que lhe faz honra, avançou e foi occupar a maravilhosa tenda da campanha gastronomica: erão oitenta e dois cavalheiros, antigos e modernos, cada qual mais devotado, mais cheio de ardor e coragem, com a mesma admiravel disposição e robusto estomago! Comerão que se regalarão; praticarão prodigiosos de valor !

«As saudes e os brindes fervêrão, cruzarão-se de canto a canto da mesa. A união era compacta e decisiva; o ardor da peleja redobrou de força por algum tempo. De repente os vivas repetidos á UNIÃO E A PROSPERIDADE DA NAÇÃO BRASILEIRA nos vierão annunciar a victoria do nosso exercito. O inimigo estava derrotado ás seus horas e meia.

«Alguns instantes depois chegarão os valentes soldados ao salão do nosso quartel-general, que vinhão render suas homenagens ao supremo poder do mundo. Eil-os já outros: vassalagem, delicadeza e atenções distribuem por todas as senhoras, e uma nova peleja começa; não essa peleja da força bruta braço a braço peito a peito, mas a delirante luta das valsas, quadrilhas e schotichs.

«No intervallo desta animação, deste prazer geral que transborda de todos os peitos, um ultimo toque faltava para completar esta agradabilissima função: erão as vozes do Céu, as melodias angelicas. Quatro distinctas senhoras cantarão por diversas vezes algumas escolhidas cavatinas e duettos, que deixarão ficar a mais de quatro tão ternos e aboborados, que eu estive ás duas e ás três chegando-me a elles e gritando-lhes ao ouvido *preso é a ordem do pão de rala!* Todas cantarão muito bem e prendêrão as atenções de toda a companhia, mas.... se me perguntassem qual dellas.... Chiton! Aqui ha um segredo: neste ponto nem mais meia palavra, senão estou perdida.... Com que graça, com que magia dançava a schotisschi aquella elegante de vestido côr de rosa com matinha de renda preta e um buliçoso caixinho de perolas graciosamente preso á estreita fitinha de veludo que lhe guarnecia o penteado!... Oh! bem certo, que os cavalheiros que tiverão a honra de com ella dançar impunes não ficarão.... Era impossivel resistir á força de tanta expressão, de tanta graça e gentileza.

«Estou presa de amores, captiva deveras das maneiras delicadas da Illma. Sra. D. Marianna Lallemant, essa gentil e interessante senhora que perfeitamente desempenhou as honras da casa, Heide visital-a qualquer destes dias á sua chacara, que me dizem tambem é mui bonita, para dar-lhe mais um abraço e pedir-lhe a sua amisade. Convido-te, Bellona, a conhecer esta senhora; se quizeres, te mandarei o carro, e o primo Juca para acompanhar-te, que já está livre dos ataques de coqueluche.

«Parece-me que te escrevi a faltar! pois adeus: manda-me dizer se queres ir ao Cajú.»

A resposta a este convite já a querida leitora

— 96 —

desconfia qual foi – vou sem falta alguma. Mas o que ainda não sabe é quem é o primo Juca; o primo Juca é um lindo menino de seis annos, orphão, mas muito bem educado; sua estremosa mãi morreu ao dal-o á luz, e seu pai ha dois annos de febre amarella. Em que fui eu fallar.

Adeus, querida leitora; vou preparar-me para o baile de beneficencia franceza, que deve estar brilhantissimo.

11 de setembro.

Bellona.

LOGOGRYPHO

Composto pela Illm, Sra Adlaide P. de L.

A primeira com a quarta-feira
Em G ego pronunciada
Será somente uma letra,
Leitora, em teu nome achada;

A segunda com a terceira
Me parece cassuada!
Se não é o que acontece
Na cousa que é mal guardada:

A terceira com a quarta
É entidade idéal
Que encanta, bem como algumas
Leitoras deste jornal:

A quarta, por si, sozinha,
Será boa ou má acção,

Conforme excita vingança,
Ou promove gratidão:

A segunda com a quarta,
Não a conheces, Leitora?
É de tudo quanto ha bello
A principal tentadora:

A terceira só por si
No meio está collocada
É parte de uma familia
Em todo mundo cantada.

CONCEITO.

Tenho diversos misteres,
Sou da mesma condição,
Sirvo ao pobre, sirvo ao rico,
No prazer na afflicção.

Ando por mar, ando em terra
Sirvo para estar parada;
A's vezes sou preguiçosa,
Sirvo só p'ra star deitada.

Tenho rendas, sem ser rica,
Morgada ou capitalista
Immensas applicações
Tem da minha vida a lista.

De todas as mais gostosas,
Que os moços hão de invejar,
É andar no teu regaço

Sentir o teu respirar.

Mas, leitora, tambem soffor
Ahi meu martyriozinho
Sem dó me furas a pelle,
Porque não sou teu bemzinho....

Tambem em rica Berlinda
Ando em sedas enfurnada
Tudo tem atenuantes....
Ando em sege esfarrapada.

Não podemos dar hoje a descripção da estampa porque só neste momento (*duas horas da tarde de sabbado!*) foi que nos chegarão da Alfandega os nossos figurinos. Pedimos desculpa ás nossas Assignantes, e lhes promettemos para Domingo que vem todo esse trabalho.

A Redacção.

JORNAL DAS SENHORAS

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS; com lindos figurinos dos de melhor tom em Paris, e no ultimo Domingo de cada mez uma peça de musica.

SUBSCREVE-SE para este Jornal nas casas dos Srs. WALLERSTEIN e COMP. n. 70, A. e F. DESMARAIS n. 86, MONGIE n. 87, rua do Ouvidor; e na Typographia DE SANTOS E SILVA JUNIOR, rua da Carioca, n. 32.

TODA A CORRESPONDENCIA é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das casas mencionadas.

PREÇO DA Assignatura: Por seis mezes 6U000 rs. na Côrte, 7U000 rs. para as Provincias.

Os semestres contão-se em Janeiro, e Julho, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro. - Typographia Santos & Silva Junior, rua da Carioca n. 32.